

MPA E A JUSTIÇA CLIMÁTICA



COP30 e Cúpula dos Povos



Uma cartilha do Movimento dos Pequenos Agricultores, 2025.

Material sistematizado com base nas elaborações do GT Meio Ambiente do Coletivo de Soberania, por Leila Denise e Valter Israel. Arte gráfica por Brenda Spinosa - Coletivo de Comunicação MPA Brasil.



ÍNDICE

O MPA na luta ambiental e climática.....	03
As raízes da crise.....	04
Quem sofre com a crise climática?.....	06
As “falsas soluções”	07
O que é a COP30? E a Cúpula dos Povos?.....	09
Por que participar? Como participar?.....	11

O MPA na luta ambiental e climática

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) nasceu como uma resposta histórica às injustiças sociais e ambientais impostas pelo modelo capitalista de desenvolvimento. Desde sua fundação, o movimento defende a agroecologia, a soberania alimentar e as sementes crioulas, em oposição à lógica predatória do agronegócio — responsável pelo avanço do “deserto verde” do eucalipto, pelo uso intensivo de agrotóxicos e transgênicos, e pela devastação dos biomas brasileiros.

Para o MPA, a crise climática é inseparável das crises ambiental e social. Ela aprofunda as desigualdades históricas, atingindo de forma desproporcional povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e camponesas. Por isso, a luta pela justiça climática está no coração de sua trajetória, ao lado da defesa da biodiversidade, da produção de alimentos saudáveis e da permanência das famílias no campo.

A preparação para a COP30 é um momento estratégico. Ela representa a oportunidade de amplificar a voz de camponeses, povos indígenas e comunidades tradicionais para denunciar os impactos da crise climática e propor soluções concretas, enraizadas nos territórios.

O que é Crise Climática?

Sabemos que situações de estiagem, chuvas intensas e enchentes são fenômenos naturais quando ocorrem raramente ou em ciclos longos. No entanto, o que temos presenciado é a intensificação desses fenômenos, que acontecem de forma cada vez mais extrema e com intervalos de tempo cada vez menores: secas prolongadas, chuvas torrenciais, inundações e a elevação do nível do oceano, que chega a cobrir territórios inteiros. Tudo isso é consequência do aumento da temperatura da Terra. **Como temos percebido, em nosso território, as mudanças climáticas? Quais consequências elas trazem?**

As raízes da crise: O modelo predatório de exploração - CAPITALISMO.

A emergência climática está ligada diretamente com uma crise ambiental - destruição do meio ambiente em escala, que é resultado do modelo econômico que explora a natureza como mercadoria, priorizando o lucro acima da vida. O agronegócio, a mineração, o uso de combustíveis fósseis e o desmatamento são os principais responsáveis pelo aumento dos gases de efeito estufa.

Os números são alarmantes:

- A temperatura média global já superou a marca de 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais, com 2024 sendo o ano mais quente já registrado.
- A concentração de dióxido de carbono atingiu 419 ppm em 2023.

QUEM DESTRÓI O MEIO AMBIENTE?

Agronegócio

O desmatamento na Amazônia, no Cerrado e em outros biomas continua a ser impulsionado pela expansão das monoculturas de soja e pastagens para gado. Segundo o INPE, em 2022, o desmatamento na Amazônia atingiu 11.568 km², o maior índice em 15 anos.

O uso intensivo de agrotóxicos contamina solos e rios, tornando o Brasil o maior consumidor mundial, com mais de 500 mil toneladas por ano (ABRASCO, 2022). O setor agropecuário é responsável por 74% das emissões de gases de efeito estufa no Brasil (Observatório do Clima).

Mineradoras

A mineração predatória, especialmente na Amazônia, destrói florestas e contamina rios com mercúrio. Em 2021, o garimpo ilegal avançou 46% em terras indígenas (ISA, 2022). Tragédias como os rompimentos das barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019) causaram mortes, destruição de comunidades e poluição irreversível.

Indústrias Poluentes

A indústria de combustíveis fósseis e a queima de carvão são grandes emissoras de gases de efeito estufa. O Brasil é o 6º maior emissor de CO2 do mundo, com o setor de energia contribuindo com 34% das emissões (SEEG, 2022).



Quem sofre com a crise climática?

Esses processos intensificam eventos extremos — secas, enchentes, desertificação e perda de biodiversidade — que ameaçam a agricultura camponesa e a vida de milhões de pessoas.

- **Pequenos agricultores:** Secas prolongadas, enchentes e pragas afetam diretamente a produção, ameaçando a segurança alimentar do país.
- **Comunidades tradicionais:** Povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos têm suas terras invadidas e seus modos de vida destruídos.
- **População urbana:** Enchentes, deslizamentos e a falta de água potável são cada vez mais frequentes nas cidades, levando ao encarecimento de alimentos ou ao aumento do consumo de ultraprocessados.



As “FALSAS SOLUÇÕES”

A crise climática não afeta a todos da mesma forma. Povos indígenas, quilombolas, comunidades negras e camponesas estão na linha de frente da devastação, pois seus territórios são os mais explorados. Essa realidade é um exemplo do que se chama racismo ambiental.

Enquanto isso, governos e corporações tentam impor “falsas soluções” sob o rótulo de “economia verde”:

- **Mercado de carbono e REDD+:** transferem a responsabilidade dos grandes poluidores para os povos que preservam a natureza, muitas vezes retirando sua autonomia sobre os territórios.
- **Grandes barragens e monocultivos “verdes”:** destroem ecossistemas, deslocam comunidades e aumentam as emissões de metano.
- **Transgênicos “climaticamente resistentes”:** aprofundam a dependência de pacotes tecnológicos, envenenam o solo e reduzem a biodiversidade.

Essas propostas não combatem as causas estruturais da crise. Pelo contrário, reforçam a lógica de financeirização da natureza e a concentração de poder nas mãos de grandes corporações.

Quem luta por soluções?

A crise climática é um reflexo da crise do próprio sistema capitalista. Para enfrentá-la, não bastam soluções de mercado. É preciso mudar o modelo de produção e de vida. O MPA e a Via Campesina, junto a outros movimentos, mostram que a agroecologia, a defesa da biodiversidade e a justiça climática são o caminho para construir um futuro sustentável e verdadeiramente justo.

DEFENDEMOS:

- Agroecologia e Soberania Alimentar: Um modelo de produção sustentável que respeita a natureza e garante alimentos saudáveis para todos.
- Transição energética e econômica justa: Com a participação direta das comunidades afetadas, garantindo que os benefícios sejam justos e os direitos culturais e territoriais sejam respeitados.
- Direitos da População Atingida: Segurança, moradia, alimento e água para quem sofre com desastres ambientais.
- Reforma Agrária Popular: Distribuição de terras para quem nela vive e trabalha, com a demarcação de terras indígenas e o reconhecimento dos territórios de povos tradicionais.
- Proteção dos Biomas: Combate ao desmatamento e à grilagem de terras com políticas públicas que priorizem a vida e o meio ambiente, e não o lucro de poucos.



O que é a COP30?

E a Cúpula dos Povos?

A COP30, que será realizada em 2025 no Brasil, é a Conferência das Partes da ONU sobre mudanças climáticas. Nela, governos e corporações se reúnem para negociar medidas globais, que têm suas raízes no tratado de 1992 e foram estendidas pelo Protocolo de Kyoto (2005) e o Acordo de Paris (2015). No entanto, suas decisões são frequentemente pautadas por interesses econômicos e soluções de mercado.

A sociedade civil pode participar da COP passando por um processo de credenciamento de entidade representativas, não é um processo simples, nem fácil. Mas a melhor forma de atuar nesta agenda é estar organizado e fazer a luta por nossas pautas junto ao estado brasileiro, desde a luta local até a nacional.

Já a Cúpula dos Povos é um processo paralelo e autônomo à conferência oficial da ONU, organizado por movimentos sociais, povos indígenas, comunidades tradicionais e outros grupos da sociedade civil. Seu objetivo é dar voz e protagonismo a esses grupos, cobrando ações mais efetivas e justas e construindo soluções a partir da perspectiva dos territórios.

A Cúpula dos Povos, que ocorrerá de 12 a 16 de novembro de 2025, é um processo contínuo e não apenas um evento. Os movimentos sociais e organizações que compõem a Cúpula estão promovendo um processo preparatório e de mobilização para:

- Debater a perspectiva política da Cúpula e seus eixos de convergência.
- Convergir as iniciativas territoriais e dos movimentos sociais.
- Envolver membros que não poderão estar presentes.

Essas iniciativas estão sendo construídas em âmbitos local, regional, nacional e internacional, através de audiências populares, seminários e debates. Elas buscam coletar as perspectivas dos territórios para alimentar os eixos de convergência e a declaração final, que pode ser enviada por meio deste formulário:

clique aqui
para acessar o
formulário



As contribuições serão sistematizadas e alimentarão os documentos para a construção das plenárias da Cúpula, de onde sairão os conteúdos para a declaração final.

A luta pela terra, pela água
e pela soberania alimentar
é a luta de todos nós!



Por que é importante participar?

A presença ativa do MPA e de outros movimentos é essencial para:

- Denunciar o racismo ambiental e as falsas soluções.
- Exigir políticas públicas que apoiem a agricultura camponesa, a agroecologia e a soberania alimentar.
- Construir alianças globais pela justiça climática.

Como se organizar?

- Fortalecer as mobilizações locais rumo à Cúpula dos Povos.
- Divulgar amplamente a Cúpula e pressionar por espaços de decisão.
- Implementar e ampliar práticas de adaptação climática baseadas na agroecologia e no conhecimento tradicional.



Saiba mais:

SITE DA CÚPULA DOS POVOS:
CUPULADOSPOVOSCOP30.ORG/

CARTILHA TERRA DE DIREITOS SOBRE A COP30

**ACESSE DOCUMENTOS DO MPA E DA VIA
CAMPESSINA SOBRE AGROECOLOGIA E NOS
ACOMPANHE EM:**

 **MPABRASIL.ORG.BR**

 **MPA.BRASIL**

 **MPACAMPESINATO**

**Frente as mudanças climáticas
temos uma certeza:**

AGRICULTURA CAMPONESA

